



Ensino Médio 3ª Série, Vol. 2

por
Prof. David Rubens

EMPIRISMO

INTRODUÇÃO

O **empirismo** é uma doutrina filosófica que tem como principal teórico o inglês John Locke (1632-1704), que defende uma corrente a qual chamou de Tabula Rasa. Esta corrente afirma que as pessoas nada conhecem, como uma folha em branco. O conhecimento é limitado às experiências vivenciadas, e as aprendizagens se dão por meio de tentativas e erros.

Entende-se por empírico aquilo que pode ter sua veracidade ou falsidade verificada por meio dos resultados de experiências e observações. Teorias não bastam, somente através da experiência, de fatos ocorridos observados, um conhecimento é considerado pelo empirista.

A percepção do Mundo externo e a abstração da realidade realizada na mente humana são o que faz o homem adquirir sabedoria, segundo o empirismo. Embora tenha se baseado no cartesianismo de René Descartes, ao contrário deste, Locke não aceita a existência de idéias inatas resultantes da capacidade de pensar da razão.

Segundo a teoria de Locke (com a qual concordavam os demais empiristas), a razão, tem a função de organizar os dados empíricos, apenas unir uns dados aos outros, que lhe chegam através da experiência. Segundo Locke, “nada pode existir na mente que não tenha passado antes pelos sentidos”, ou seja, as idéias surgem da experiência externa (via sensação), ou interna (via reflexão), e podem ser classificadas em simples (como a idéia de largura, que vêm da visão) ou compostas (a idéia de doença, resultado de uma associação de idéias).

Nesse sentido, qualquer afirmação de cunho metafísico era rejeitada no Empirismo, pois para essas afirmações não há experimentação, testes ou controles possíveis.

Outro importante teórico empirista foi o escocês David Hume (1711-1776), que contribuiu com a epistemologia ao discutir o princípio da causalidade. Segundo Hume, não existe conexão causal, e sim uma seqüência temporal de eventos, que pode ser observada.

Além de John Locke e David Hume, outros filósofos que são associados ao empirismo são: Aristóteles, Tomás de Aquino, Francis Bacon, Thomas Hobbes, George Berkeley e John Stuart Mill.

O empirismo causou uma grande revolução na ciência, pois graças à valorização das experiências e do conhecimento científico, o homem passou a buscar resultados práticos, buscando o domínio da natureza. A partir do empirismo surgiu a metodologia científica.

I RACIONALISMO X EMPIRISMO IMMANUEL KANT

1. Immanuel Kant nasceu em uma cidade da Prússia oriental, em 1724. Sua família era muito fervorosa em sua fé cristã, razão pela qual a convicção religiosa do próprio Kant foi um

elemento muito importante para sua filosofia. Kant foi o primeiro a trabalhar como professor universitário, foi o que frequentemente chamamos de “especialista em filosofia” (especialista em história da filosofia) e também criador de uma teoria filosófica.

2. Sabemos que, para os racionalistas, a base de todo conhecimento humano estava na consciência do homem. E sabemos também que os empíricos queriam derivar as impressões dos sentidos todo o conhecimento do mundo. Além disso, Hume chamara a atenção para o fato de haver limites definidos para as conclusões que podemos tirar com a ajuda dos nossos sentidos. KANT achava que ambos tinham razão, mas que também tinham se enganado em alguns pontos.

3. De qualquer forma todos eles haviam se dedicado à tarefa de investigar o que podemos saber do mundo. Este era o projeto filosófico comum a todos os filósofos depois de Descartes. Havia duas possibilidades em discussão: o mundo seria exatamente como nós o percebemos, ou como se mostra à nossa razão? Kant achava que tanto os sentidos quanto a razão eram importantes para a nossa experiência de mundo.

4. Contudo, ele achava que os racionalistas atribuíam uma importância exagerada à razão, enquanto os empíricos eram parciais demais ao defender a experiência centrada nos sentidos. Como ponto de partida, Kant concorda com Hume e com os empíricos quanto ao fato de que devemos todos os nossos conhecimentos às impressões dos sentidos. Mas, e nesse ponto ele concorda com os racionalistas, nossa razão também contém pressupostos importantes para o modo COMO percebemos o mundo à nossa volta. Em nós mesmos, portanto, existem certas condições que determinam nossa concepção do mundo.

5. Tudo o que você vê é parte do mundo que está fora de você mesmo, mas o MODO como você enxerga tudo isto que depende de você. Para Kant, também possuímos premissas em nossa razão, que deixam suas marcas em todas as nossas experiências. Não importa o que possamos ver, sempre percebemos o que vemos sobretudo como FENÔMENOS NO TEMPO E NO ESPAÇO. Kant chamava o tempo e o espaço de “formas de sensibilidade”. E ele sublinhava que essas duas formas já existem em nossa consciência antes de qualquer experiência.

6. Isso significa que podemos saber, antes de experimentar alguma coisa, que vamos experimentá-la como fenômeno no tempo e no espaço. Somos incapazes, por assim dizer, de não enxergarmos através da razão. Ou seja, o fato de percebermos as coisas no tempo e no espaço são inerentes à razão, e uma característica inata ao ser humano. O que vemos depende de termos crescido na Índia ou na Groenlândia. Em toda parte, porém, percebemos o mundo como algo no tempo e no espaço. E isto é uma coisa que podemos afirmar de antemão.

7. QUER DIZER QUE O TEMPO E O ESPAÇO NÃO EXISTEM FORA DE NÓS?! Kant explica que o espaço e o tempo pertencem à condição humana. Tempo e espaço, são sobretudo propriedades da nossa consciência, e não atributos do mundo físico. A consciência humana, portanto, não é uma placa que só registra passivamente as impressões sensoriais vindas de fora. Ela também é criativa; é uma instância formadora. A própria consciência coloca sua marca no modo como percebemos o mundo.

8. Talvez possamos comparar isso com o que acontece quando colocamos água num jarro de vidro. A água toma a forma do jarro. Do mesmo modo, as impressões dos sentidos se adaptam às nossas “formas de sensibilidade”. Kant afirma que não é apenas a consciência que se adapta às coisas. As coisas também se adaptam à consciência. O próprio Kant chama isso de “A VIRADA DE COPÉRNICO” na questão do conhecimento humano. Com isto quer dizer que esta reflexão é tão nova e tão radical em relação à tradição quanto a afirmação de Copérnico de que a Terra gira em torno do Sol, e não o contrário.

9. De certa forma, os racionalistas tinham esquecido da importância da experiência dos sentidos, enquanto os empíricos não quiseram ver que a razão codetermina nossa concepção de mundo. Para Kant, até a lei da causalidade, que, segundo Hume, o homem era incapaz de experimentar, é elemento componente da razão humana. Para Hume, era a força do hábito que nos fazia ver uma relação de causa entre os processos da natureza. Isto porque Hume achava que não podemos sentir que a bola branca de bilhar é a causa do início do movimento da bola preta. Por esta razão, segundo ele, não podemos provar que a bola branca sempre colocará em movimento a preta.

10. Mas Kant considera uma propriedade da razão humana exatamente isto que, para Hume, não pode ser provado. A lei da causalidade é eterna e absoluta, simplesmente porque a razão humana considera tudo o que acontece dentro de uma relação de causa e efeito. Kant diz que está dentro de nós, ele concorda com Hume em que não podemos saber com certeza como o mundo é “em si”. Só podemos saber como o mundo é “para mim” e, portanto, para todos os homens. A diferença é que Kant estabelece entre as “coisas em si” e as “coisas para nós” é a sua mais importante contribuição para a filosofia.

11. Nunca seremos capazes de saber com toda a certeza como as coisas “são em si”. Só podemos saber como elas “se mostram” a nós. Em compensação, podemos dizer com certeza como as coisas serão percebidas pela razão humana. EXEMPLO: De manhã, antes de sair de casa, você não pode saber o que vai ver e vivenciar durante o dia. Entretanto, você pode saber que o que verá e viverá será percebido como um evento no tempo e no espaço. Além disso, você pode estar certo de que a lei da causa e efeito terá validade, simplesmente porque você a carrega consigo enquanto parte da sua consciência.

12. Poderia ser de outro jeito. Nossos sentidos poderiam ser outros, completamente diferentes, e também poderíamos perceber o tempo e o espaço de uma maneira completamente diferente. Além disso, poderíamos ser feitos de modo a não buscar a causa para os acontecimentos a nossa volta. EXEMPLO: Imagine um gato deitado no chão do quarto. Imagine, então, uma bola rolando pelo chão. O que o gato faz neste caso? Corre atrás da bola. Agora, em vez do gato, imagine que você vê a bola rolando. Você sai correndo atrás dela?

13. Não. Primeiro “eu” viro para ver de onde a bola veio. Sim, isto porque uma pessoa quer necessariamente saber a causa daquele acontecimento. A lei da causalidade faz parte da sua constituição. Kant acreditava poder provar a validade absoluta das leis da natureza, à medida que mostrasse que quando falamos em leis da natureza, estamos falando, na verdade, de leis do conhecimento humano. Será que um bebê também viraria para tentar descobrir quem tinha empurrado a bola?!

14. Provavelmente não. Mas Kant diz que, numa criança, a razão ainda não está plenamente desenvolvida, porque ela ainda não dispõe de material sensitivo para trabalhar. De um lado, temos as condições exteriores, sobre as quais nada podemos saber antes de as termos percebido. Podemos chamá-las de MATERIAL DO CONHECIMENTO. De outro, temos as condições intrínsecas ao próprio homem: por exemplo, o fato de que percebemos tudo como eventos no tempo e no espaço e como processos sujeitos a uma imutável lei da causalidade. A isto podemos chamar de FORMA DO CONHECIMENTO.

15. Kant também chamou a atenção para o fato de haver limites bem claros para o que o homem pode saber. Podemos dizer que a razão nos impõe esses limites. Como assim?! Grandes questões filosóficas dos filósofos anteriores a Kant: o homem possui uma alma imortal? Deus existe? A natureza é composta por unidades mínimas e indivisíveis? O universo

é infinito? Kant achava que o homem JAMAIS seria capaz de chegar a um conhecimento seguro acerca dessas coisas. Isto não significa que ele não queria se ocupar dessas questões.

16. Kant achava que precisamente nessas grandes questões filosóficas a razão operava FORA DOS LIMITES DAQUILO QUE NÓS, SERES HUMANOS, PODEMOS COMPREENDER. Por outro lado, uma característica intrínseca à nossa natureza, à nossa razão, seria justamente um impulso básico no sentido de colocar estas perguntas. Só que quando perguntamos, por exemplo, se o universo é finito ou infinito, na verdade, estamos querendo saber algo sobre um todo do qual nós mesmos somos apenas uma (ínfima) parte. Assim, nunca poderemos conhecer inteiramente este todo.

17. Lembrando: para Kant existem dois elementos que contribuem para nosso conhecimento do mundo: a experiência dos sentidos e a razão. O material do nosso conhecimento nos é dado através dos nossos sentidos, mas este material se adapta, por assim dizer, às características de nossa razão. Uma dessas características, por exemplo, é a de perguntar pela causa dos acontecimentos. Mas quando nos perguntamos de onde vem o mundo, e discutimos algumas respostas possíveis, a consciência fica como que parada, pois não possui qualquer material sensorial para processar; não possui registro de qualquer experiência que possa trabalhar. Isto porque, como dissemos, nunca iremos experimentar toda a enorme realidade de que somos apenas uma ínfima parte.

18. De certa forma, somos parte da “bola” que rola no chão. E por isso não podemos saber de onde ela vem. Só que sempre continuará sendo uma característica da razão humana perguntar de onde a bola vem. Por esta razão é que nos perguntamos e nos esforçamos para encontrar respostas. O problema é que não temos nada de sólido a que nos apegar. Nunca conseguimos chegar a respostas seguras, pois nossa razão está em “ponto morto”.

19. Nas grandes questões que concernem a realidade como um todo, dois pontos de vista exatamente opostos parecerão sempre igualmente prováveis. Faz tanto sentido dizer que o mundo teve um começo, como dizer que não houve começo algum. Mas será que: alguma coisa pode ter sempre existido sem nunca ter tido um começo? E se adotarmos o ponto de vista oposto e dissermos que o mundo teve de começar em algum momento, isto significa que ele teve se surgir do nada, senão estaríamos falando apenas da passagem de um estado para outro. E nesse caso, pode alguma coisa surgir do nada?

20. Por fim, não podemos provar a existência de Deus com nossa razão. Aqui, racionalistas como Descartes, por exemplo, tentaram provar que deve haver um Deus, simplesmente porque temos em nós a ideia de um ser perfeito. Outros, dentre eles Aristóteles e São Tomás de Aquino, defendiam a opinião de que deveria haver um Deus, porque tudo precisa ter uma causa impulsora. Kant rejeitava ambas as provas da existência de Deus. Nem a razão, nem a experiência são capazes de embasar com segurança a afirmação de que Deus existe. Para a razão é tanto provável quanto improvável que Deus exista.

21. E justamente, nessa zona onde nem razão, nem experiência conseguem chegar, Kant preenche com a FÉ. Kant achava que essas premissas, como a imortalidade da alma, existência de Deus, livre-arbítrio, etc. eram pressupostos imprescindíveis para a moral do homem. Afirmava que não foi a razão e sim a fé que o levou até este ponto. Ele mesmo chama de postulado prático a fé numa alma imortal, em Deus e no livre-arbítrio do homem.

22. É MORALMENTE NECESSÁRIO SUPOR A EXISTÊNCIA DE DEUS, dizia ele. Para Kant não podemos entender o que somos, talvez possamos entender uma flor, ou um inseto, mas nunca nós mesmos. E menos ainda podemos tentar entender o universo inteiro. ÉTICA: Kant tinha a impressão de que o certo e o errado era mais que uma questão de sentimento (oposição a Hume). Nesse ponto concordava com os racionalistas, para quem a

diferenciação entre certo e errado era algo inerente à razão humana. Todas as pessoas sabem o que é certo e o que é errado. Acreditava que todos os homens possuem uma razão prática. = inato.

II Empirismo ... Tão vazia quanto uma lousa antes do professor entrar na classe...

1. EMPIRISMO No século XVIII a filosofia passou a ser exposta a uma crítica cada vez mais severa e mais profunda. Muitos filósofos passaram a defender, então, a opinião de que nossa mente É TOTALMENTE VAZIA DE CONTEÚDO ENQUANTO NÃO VIVEMOS UMA EXPERIÊNCIA SENSORIAL. Esta visão é chamada de EMPIRISMO.

2. Os empíricos, ou filósofos da experiência, mais importantes foram Locke, Berkeley e Hume, todos ingleses. Os líderes entre os racionalistas do século XVII foram o francês Descartes, o holandês Spinoza e o alemão Leibniz. Por isso é que fazemos uma distinção entre empirismo inglês e racionalismo continental.

3. Um empírico deriva todo o seu conhecimento do mundo daquilo que lhe dizem os seus sentidos. A formulação clássica de uma postura empírica vem de Aristóteles, para quem nada há na mente que já não tenha passado pelos sentidos. Essa ideia contém uma severa crítica a Platão, para quem o homem, ao vir ao mundo, trazia consigo ideias inatas do mundo das ideias. Locke repetiu as palavras de Aristóteles, mas o destinatário de sua crítica era Descartes.

4. Nós não nascemos com ideias inatas, ou com uma visão de mundo já formada. E nada sabemos sobre o mundo em que somos colocados antes de o percebermos com nossos sentidos. Quando pensamos alguma coisa, portanto, que não somos capazes de relacionar com os fatos vivenciados, este pensamento ou noção é falso. Por exemplo, quando empregamos as palavras como “Deus” ou “eternidade”, nossa razão está funcionando em ponto morto. Isso porque nunca ninguém vivenciou Deus ou a eternidade.

5. Para os empíricos britânicos era importante examinar todas as noções humanas, a fim de verificar se elas podiam ser comprovadas com experiências reais.

6. JOHN LOCKE John Locke viveu entre 1632 e 1704. Seu livro mais importante chama-se “Um ensaio sobre o entendimento humano”, de 1690. Nele, Locke tenta explicar duas questões. Em primeiro lugar, ele pergunta de onde os homens tiram seus pensamentos e suas noções. Em segundo, pergunta se podemos confiar no que nossos sentidos nos dizem. Locke está convencido de que todos os pensamentos e noções são um reflexo daquilo que um dia já sentimos ou percebemos através de nossos sentidos. Antes de sentirmos qualquer coisa, nossa mente é uma “lousa em branco”.

7. Então é a vez de nossos sentidos entrarem em ação: podemos ver o mundo à nossa volta, sentir o cheiro das coisas, seu gosto, podemos tocá-las e ouvi-las. E ninguém faz isto de forma mais intensa do que as crianças. Surgem assim as IDEIAS SENSORIAIS SIMPLES . Só que a mente não recebe passivamente essas impressões exteriores. Dentro da nossa mente também acontece algumas coisa. As ideias sensoriais simples são retrabalhadas pela reflexão, pela crença e pela dúvida. E o resultado disso, segundo Locke, são as IDEIAS DA REFLEXÃO .

8. Locke estabelece, portanto, a distinção entre “sensação” e reflexão”. Isto porque a mente e a consciência, não é um mero receptor passivo. Locke afirma que através dos sentidos, não conseguimos senão impressões simples. Exemplo da maçã: Quando como uma maçã posso senti-la em uma única e simples sensação. Na verdade, estou recebendo toda uma

série de impressões simples: uma coisa vermelha, fresca, cheirosa, succulenta e de sabor levemente ácido. Só depois de já ter comido muitas maçãs é que posso pensar que estou comendo “uma maçã”.

9. Locke diz que nesse momento conseguimos formar a noção complexa de maçã. Quando éramos pequenos e comemos maçã pela primeira vez, não possuíamos essa noção complexa. Mas víamos uma coisa vermelha, succulenta, um pouco ácida. Aos poucos vamos amarrando muitas impressões sensoriais e formando conceitos como “maçã”, “pera” e “laranja”. Mas é aos nossos órgãos de sentidos que devemos, em última análise, todo o material de que se serve o nosso conhecimento do mundo. E é por isso que é falso e precisa ser eliminado o conhecimento que não pode ser atribuído às impressões sensoriais simples.

10. Seja como for, podemos ter certeza daquilo que vemos e ouvimos, de que sentimos o cheiro e o gosto, corresponde exatamente ao que sentimos. Na verdade, sim e não... Esta é a segunda questão que Locke se propõe a discutir. Primeiro ele explica de onde retiramos nossas ideias e noções. Em seguida ele pergunta se o mundo é realmente do jeito que nós o percebemos. E isto não é uma coisa absolutamente evidente. Locke estabelece a diferença entre aquilo que chama de qualidades sensoriais “primárias” e “secundárias”. E nesse ponto ele estende a mão aos filósofos que o precederam, como Descartes.

11. Por QUALIDADES SENSORIAIS PRIMÁRIAS Locke entende a EXTENSÃO, PESO, FORMA, MOVIMENTO E NÚMERO DAS COISAS. Com relação a essas propriedades podemos estar certos de que nossos sentidos reproduzem as verdadeiras propriedades das coisas. Mas nós também percebemos outras características das coisas. Dizemos que uma coisa é doce ou azeda, verde ou vermelha, quente ou fria. Locke chama isso de QUALIDADES SENSORIAIS SECUNDÁRIAS. Tais impressões sensoriais, como CORES, CHEIRO, GOSTO OU SOM, não reproduzem as características verdadeiras, presentes na coisa em si. Elas reproduzem apenas o efeito que essas características exteriores exercem sobre os nossos sentidos. “GOSTO NÃO SE DISCUTE.”

12. Podemos estar de acordo sobre as propriedades primárias, como tamanho, peso, pois estas são inerentes à coisa em si. Mas propriedades secundárias, como cor e gosto, por exemplo, podem variar de animal para animal, de homem para homem, dependendo de como são constituídos os órgãos de sentidos de cada indivíduo. Locke acredita no pensamento do direito natural e este é um traço racionalista que podemos identificar em seu pensamento. Outro traço é que Locke acredita que é inerente à razão humana saber que existe um Deus. Mas não deixa que essa problemática se reduza a uma questão de fé, para ele a ideia que o homem faz de Deus nasce da própria razão humana

13. DAVID HUME Escocês, viveu de 1711 a 1776. Sua filosofia é considerada até hoje a mais importante filosofia empírica. Além disso, Hume é de fundamental importância, pois inspirou o filósofo Immanuel Kant. Hume viveu em pleno iluminismo e viajou muito pela Europa.. Obra mais importante: Tratado sobre a natureza humana – publicada quando Hume tinha 28 anos, mas ele mesmo dizia que desde os 15 já tinha as ideias sobre este livro.

14. Toma o mundo cotidiano como ponto de partida para sua reflexão. Como empírico, Hume considerava sua tarefa eliminar todos os conceitos obscuros e os raciocínios intrincados. Naquela época, circulavam por escrito e oralmente toda a sorte de antigos resquícios de concepções medievais e conceito da filosofia racionalista do século XVII. Hume queria retornar à forma original pela qual o homem experimentava o mundo. Para ele, nenhuma filosofia que não aquela a que chegamos pela reflexão sobre o nosso cotidiano seria capaz de nos conduzir para além dessas mesmas experiências cotidianas.

15. Na época de Hume, acreditava-se amplamente na existência dos anjos. Por anjo entendemos uma forma humana alada. VOCÊ JÁ VIU UM ANJO? Mas você já viu uma forma humana, não? E já viu asas? Pois bem, para Hume, o anjo é uma noção complexa. Ela se constitui de duas experiências diferentes, que ocorrem simultaneamente na imaginação humana, já que na realidade estão dissociadas. Em outras palavras, esta noção é falsa e como tal deve ser rejeitada. Do mesmo modo, temos de proceder a uma verdadeira limpeza em nossos pensamentos e ideias, pois, como Hume afirmou, “se tomamos um livro sobre a doutrina divina, ou sobre metafísica, devemos perguntar o seguinte: ELE CONTÉM ALGUM RACIOCÍNIO ABSTRATO SOBRE TAMANHO OU NÚMEROS? NÃO. CONTÉM ALGUM RACIOCÍNIO SOBRE FATOS E SOBRE A VIDA QUE SEJA BASEADO EM EXPERIÊNCIAS? NÃO. ATIRA-O, ENTÃO, AO FOGO, POIS TUDO O QUE ELE CONTÉM NÃO PASSA DE FANTASMAGORIA E ILUSÃO.

16. Hume queria retornar ao modo como a criança experimenta o mundo, antes de o espaço de sua mente ser tomado por pensamentos e reflexões. A primeira coisa que Hume constata é que o homem possui IMPRESSÕES de um lado, e IDEIAS, de outro. Por impressão ele entende a percepção imediata da realidade exterior. Por ideia ele entende a lembrança de tal impressão. Exemplo: Se você queima a mão no fogão, o que você experimenta é uma impressão imediata. Mais tarde pode ser que você se lembre de que se queimou, e esta lembrança Hume a chama de ideia, noção.

17. A diferença entre elas é que a impressão é mais forte e mais viva do que a lembrança que se tem dela mais tarde. Podemos chamar a impressão sensorial de original, e a ideia, ou lembrança que se tem dela, de uma cópia pálida do original. Afinal, a impressão é a causa direta da ideia guardada na mente. Hume está preocupado com o fato de que as vezes formamos noções complexas, para as quais não há correspondentes complexos na realidade material. É dessa forma que surgem noções falsas sobre coisas que não existem na natureza, como o anjo, por exemplo. (A mente não inventa nada, é um trabalho de recorte e colagem).

18. De que impressões surgiu esta ideia? Em primeiríssimo lugar, ele precisa decompor uma noção complexa em suas noções simples constituintes. É assim que ele pretende chegar a um método crítico de análise das ideias do homem. Exemplo: na época de Hume, as pessoas tinham uma noção muito clara do céu. Segundo Descartes, as noções claras e distintas seriam, em si, a garantia para a existência do correspondente desta ideia na realidade. Não é difícil ver que a noção de “céu” é uma noção extremamente complexa.

19. No céu existem um portão de pérolas, ruas de ouro, exércitos de anjos, etc. A noção complexa de céu se constitui de noções simples como: portão, pérolas, ruas, ouro, exércitos, pessoas humanas vestidas de branco. Pergunta-se: algum dia já experimentamos essas “impressões simples”? Sim, as experimentamos e depois as combinamos para formar uma imagem onírica. Para Hume, todo o material que usamos para compor nossas “imagens oníricas” chegou um dia à nossa consciência por meio de impressões simples. Uma pessoa que nunca viu ouro não consegue imaginar o que seja uma rua de ouro.

20. E quanto à noção clara de Deus de Descartes? Digamos que para nós Deus é uma criatura infinitamente inteligente, sábia e bondosa. Temos aí uma noção complexa formada por algo infinitamente sábio, infinitamente inteligente e infinitamente bom. Se nunca tivéssemos experimentado a inteligência, sabedoria e bondade, não poderíamos ter tal conceito de Deus. Depois de Hume, muitos críticos chamaram a atenção para o fato de tal noção de Deus ser atribuída ao modo como nós, quando crianças, “experimentamos” nosso próprio pai. Para esses pensadores, a noção de “pai” levou à noção de um “pai do céu”.

21. Hume quer atacar qualquer pensamento ou ideia que não possa ser atribuído a uma impressão sensorial correspondente. Só aceitava como verdade aquilo que podia experimentar pelos sentidos, mas todas as demais possibilidades continuavam em aberto. Não rejeitava nem a fé, nem Jesus Cristo, nem a crença em milagres. Só que em ambos os casos, trata-se de crença e não de razão. Podemos dizer que os últimos elos que ligavam a crença ao conhecimento foram quebrados por Hume.

22. COMO VOCÊ PODE TER CERTEZA DE QUE A PEDRA SEMPRE CAI NO CHÃO? Já vimos isso tantas vezes que temos certeza absoluta. Hume diria que experimentamos o fato de que uma pedra cai no chão quando a soltamos. Só que não o fato de que ela irá sempre cair. Em geral, dizemos que a pedra cai no solo por força da gravidade. Estamos tão acostumados com um evento se seguindo a outro que achamos que irá acontecer todas as vezes que soltarmos a pedra, por exemplo.

23. Será que é realmente possível que uma pedra não caia no chão quando a soltarmos? Quem ficaria mais surpreso se a pedra flutuasse por alguns minutos? Nós ou uma criança de um ano? A natureza ainda não se tornou um hábito para a criança, ou, a criança não possui opiniões preconcebidas, não se tornou escrava de suas expectativas; experimenta o mundo tal como ele é. Temos aqui a questão da força do hábito, e da LEI DA CAUSA:tudo o que acontece precisa ter uma causa.

24. Exemplo da bola de bilhar: Quando você empurra com o taco uma bola branca para cima de uma bola preta que estava em repouso, o que acontece com a bola preta? Quando é atingida pela branca, começa a se mover... Impacto da bola branca: CAUSA. Aplicamos isso sempre que algo se “repete”, a repetição está na nossa mente, não nas coisas em si. Ou seja, as coisas não são inatas, não nascemos com expectativas prontas, nós experimentamos o mundo pouco a pouco...

25. O fato das coisas se sucederem temporalmente às outras, não significa, portanto, que exista uma relação de causa e efeito entre elas. Uma das mais importantes tarefas da filosofia é advertir as pessoas quanto ao perigo das conclusões precipitadas. Além disso, as conclusões precipitadas podem levar a várias formas de superstição. Azar e gato preto.

26. Os racionalistas consideravam uma qualidade inata da razão do homem o fato dela poder distinguir entre o certo e o errado. Mas Hume não acredita que a razão determina o que dizemos e fazemos. São os nossos sentimentos... Exemplo: depois de uma grande enchente, quando há milhares de desabrigados precisando de ajuda, são os nossos sentimentos que decidem se vamos ajudar ou não. Se fôssemos pessoas insensíveis e deixássemos essa decisão à “frieza da razão”, poderíamos pensar que num mundo que sofre com a superpopulação até que seria bom se alguns milhares de pessoas morressem...